

Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais¹

Larissa Pelúcio²

Resumo: Neste artigo apresento discussão metodológica a partir de resultados preliminares de pesquisa sobre masculinidades contemporâneas, tecnologias e afetos, centrando o campo investigativo em dois aplicativos móveis para fins de relacionamentos amorosos/sexuais, nos quais considero como colaboradores homens nascidos entre 1945 e 1986. À etnografia *on-line* somo a análises sobre a emergência de uma nova ética emocional associada ao mercado sexual e amoroso contemporâneo, tomando como referencial teóricos os estudos de gênero, sexualidade e sobre mídias digitais e subjetividades, a partir de perspectiva sócio-antropológica.

Palavras-chave: aplicativos móveis; masculinidades contemporâneas; happn; Adote um Cara; sexualidade; metodologia em pesquisa on-line.

1 Parte das reflexões aqui apresentadas foram desenvolvidas juntamente com Richard Miskolci em apresentação de trabalho realizada durante o Simpósio Temático Mídias Digitais, Práticas Culturais e Dissidências de Gênero, no II Seminário Internacional Desfazendo Gênero, em setembro de 2015, na cidade de Salvador (BA).

2 Departamento de Ciências Humanas – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) - Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Bauru – Brasil - larissapelucio@gmail.com

Affections, market and contemporary masculinities: preliminary notes of a research on mobile applications for affective/sexual relationships

Abstract: This article presents a methodological discussion from preliminary results of a research on contemporary masculinities, technologies and affections whose investigation field is focused on two mobile applications for romantic/sexual relationships from which men born between 1945 and 1986 are taken as collaborators. The online ethnography is combined with the analysis of the emergence of a new emotional ethics associated with sexual and romantic contemporary market which takes the studies on gender and sexuality, digital media and subjectivities in a socio-anthropological perspective as a theoretical reference.

Keywords: mobile applications; contemporary masculinities; happn; Adote um Cara; sexuality; online research methodology.

Nunca fui tão nativa. Imersa em conversas que começam pelos *chats* dos próprios aplicativos para relacionamentos amorosos e sexuais, migro sem pudor para o WhatsApp³. Lembro-me quando temia esse contato que parecia me deixar sempre “on call”, ao alcance de hipotéticas chamadas que podiam ser feitas pelos homens que concordam em colaborar com minha pesquisa. Percebo hoje, um ano depois desses temores, que meus interlocutores, assim como eu, desenvolveram formas de driblar assédios indesejados, de cortar contatos que já não lhes interessam a partir de estratégias que mesclam formas tradicionais de negociação de afetos, bastante marcadas por lugares previsíveis de gênero, tensionados pelas novas possibilidades que as comunicações digitais permitem.

Fui aprendendo com eles como negociar as conversações e aproximações por esses meios, assim como interromper contatos que ocorrem em uma temporalidade marcada por intensificações de (des)afetos, aceleração na construção de intimidades, em uma dinâmica de trocas emocionais que geram ansiedades, mas que parecem rapidamente se dissolver na teia de contatos que vamos construindo desde a primeira aproximação via *chats*⁴

3 Sistema de comunicação síncrona associado a um número de smartphone por meio do qual se pode trocar além de mensagens de texto, mensagens em áudios, fotos, *links* diversos.

4 Os aplicativos móveis para encontros têm uma ferramenta que permite que as pessoas possam conversar de forma síncrona, se desejarem. Nos dois aplicativos que estou explorando, esse contato só é possível quando há a combinação de interesse por meio do “crush”, no *happn*, quer dizer, do “encontrão”, entre os/as usuários/as, pela manifestação de ambas as pessoas do seu interesse pela outra ou do aceite do “charme” por parte da mulher, no Adote um Cara.

dos aplicativos, passando pelo uso do WhatsApp com gravação de áudios, pedido de amizade no Facebook e Instagram, tentativas de conversas pelo Skype ou tudo isso num espaço de tempo comprimido, num universo relacional ampliado. Converso com vários homens ao mesmo tempo. Sou pesquisadora. Eles conversam com muitas mulheres simultaneamente, são investidores emocionais.

“Como o capitalismo molda e transforma a vida emocional e a individualidade?”, interroga-se Eva Illouz⁵, inspirando minhas próprias questões frente ao uso intensificado dos aplicativos móveis para fins de relacionamentos. As emoções moduladas pela lógica dos algoritmos matemáticos vão traçando combinações entre pares, nos colocando frente a formas de organizarmos a exposição de quem somos e de nossos interesses, muito próxima àquelas que regem as dinâmicas do mercado. Construir um perfil para si em *sites* e/ou aplicativos para relacionamentos é um processo altamente racionalizado, independente de estarmos fazendo uma pesquisa. Registrar-se é construir uma espécie de “versão computacional de quem você é” (Illouz, 2011: 111). Mobiliza esforços de síntese e de comodização. Como se anunciar da melhor forma? Como se diferenciar nos vastos catálogos em que estes *sites* e aplicativos se transformam? Como traduzir iconograficamente o melhor de si?

Os aplicativos móveis para fins de relacionamentos amorosos/sexuais integram um complexo campo no qual a dinâmica da vida contemporânea pautada pela aceleração do tempo, maior exigência no campo do trabalho e a sua flagrante precarização. Some-se a esse cenário um conjunto de ansiedades que entrelaçam esfera pública e privada, tais como o aumento da violência urbana, as urgências emocionais relativas aos anseios estimulados por diversos discursos que nos convocam a sermos felizes, saudáveis, aventureiros/as. Conformando as já muito discutidas transformações na esfera íntima da família e do amor romântico (Giddens, 1993; Bauman, 2004; Illouz, 2009) coadunam-se com as possibilidades emocionais ofertadas pelas novas tecnologias, pactuando uma estreita relação entre estas e os sentimentos.

O uso intensificado de aplicativos móveis para relacionamentos nos coloca frente a uma das mais sensíveis transformações sociais do presente, incidindo sobre a forma como temos constituído novos horizontes aspiracionais relativos a desejos sexuais e afetivos marcadas por desafiantes negociações sexuais e de gênero, aprendizados tecnológicos. Este incidem fortemente nas nossas formas de sentir e administrar emoções, além de exigir todo um aprendizado para lidar com modos/etiquetas de comunicação que estão sendo constituídos ao mesmo

5 Ver entrevista neste dossiê.

tempo em que são articulados. Isto é, temos sido levadxs⁶ a acionar esses códigos relacionais no momento mesmo que os colocamos em prática. Vale para quem está nos aplicativos em busca de sexo, companhia ou amor; aplica-se também para quem pesquisa nesses ambientes.

Em novembro de 2015 criei meu perfil de pesquisadora no aplicativo móvel *Adote um Cara*, de origem francesa e que acabara de chegar ao Brasil investindo em forte publicidade em diferentes canais midiáticos, na qual o protagonismo feminino nas abordagens foi reforçado como diferencial visando arrebanhar usuários e usuárias nacionais. Dois meses depois, filiei-me ao *happn*, também francês. A geolocalização é o grande atrativo desse aplicativo que chegou em 2015 ao Brasil, rivalizando com o Tinder pelo uso do GPS (*Global Positioning System*) para promover os encontros entre usuários/as. A diferença é que no *happn* é possível perceber o circuito das pessoas, quer dizer, por onde elas transitam, que lugares consomem e, até mesmo, a que distância aproximada está de você naquele momento, agudizando a possibilidade do encontro presencial.

Para compor os perfis nos aplicativos citados, escolhi cuidadosamente as fotos⁷, selecionadas a partir de minucioso exercício reflexivo/imersivo por meio do qual avaliei como desejava me mostrar para os outros. Usei toda a possibilidade iconográfica que aqueles aplicativos me ofereceram⁸. Valendo-me da mesma linguagem publicitária, enxuta, quase slogans pessoais, acionadas pelos homens que se cadastram ali. Aprendo com eles. No disputado mercado dos afetos *on-line* somos incitadxs a constituir um “eu virtual” competitivo, o que implica em saber se diferenciar a partir da criatividade textual e de certa

6 Opto pelo x no lugar das vogais que indicam gênero a fim de borrar o binarismo e ampliar o leque das experiências relativas às vivências genericadas.

7 Uso fotos estilo *selfie*, de rosto; outras em plano americano, tiradas por amigxs, mas que tenham boa qualidade de imagem, cor e que valorizem aquilo que considero bonito em mim e, finalmente, as de corpo inteiro. Dica que foi me dada por um dos meus colaboradores, quando me ensinou que deixar ver seu corpo (mesmo que vestido) por inteiro ajuda a criar interesse ou não a partir de elementos corporais considerados “reais”, pois quem os avaliará será aquele que examina o conjunto de fotos do perfil que despertou o interesse e não a descrição que a própria pessoa faz de si. Avaliam a roupa, o ambiente, a maquiagem, os pés (não somente os sapatos, mas o pé como objeto de fetiche), as poses, entre outros elementos apreensíveis nas fotografias. Procuro, ainda, oferecer um conjunto de fotos que torne possível ao interessado saber mais sobre meus hábitos (fazendo exercício físico), trabalhando com o notebook no colo, em algum lugar para onde viajei...

8 No *happn* pode-se postar até 09 fotos, as quais não precisam ser, necessariamente, da figura do/da usuário/a; enquanto no *Adote*, é possível publicar 08 fotos que devem, necessariamente, ser da pessoa registrada, a qual deve mostrar o rosto e não deve estar com outras pessoas na foto. São vetadas fotos de objetos, animais, pessoas públicas, paisagens, enfim, aquelas em que não se possa identificar a quem pertence aquele perfil. Em ambos aplicativos nudez e cenas de violências estão interditos.

convencionalidade corporal, a fim de obter um número maior de admiradorxs e, assim, lograr nossos intuitos difusos⁹.

Lidar com relações de gênero, tecnologias e afetos a partir de perspectiva sócio-antropológica tem sido um desafio metodológico sensível, marcado não apenas pela exigência imersiva, mas também pela dinâmica transformação dos usos dos recursos comunicacionais digitais, que tornam técnicas, estratégias e caminhos metodológicos escorregadios, mas não intransitáveis. É sobre esses trânsitos, negociações e técnicas na busca de estabelecer uma discussão ético-metodológica sobre pesquisas nas quais sexo e amor encontram com o mercado e com as mídias digitais contemporâneas que versa este texto.

Concentro-me, sobretudo, em minha pesquisa sobre masculinidades contemporâneas, negociações de afetos e constituição subjetiva em tempos de intenso uso de recursos comunicacionais digitais, na qual tomo como campo privilegiado de investigação a adesão de homens nascidos entre 1955 e 1985 a dois aplicativos móveis voltados para a constituição de parcerias amorosas e/ou sexuais. Metodologicamente, associa à etnografia *on-line* análises sobre a emergência de uma nova ética emocional relativa ao circuito sexual/amoroso contemporâneo experienciado por meios digitais.

Trata-se, no entanto, de pesquisa ainda em curso, cujos resultados preliminares estão sendo analisados por referenciais teóricos que dialogam com os estudos de gênero e sexualidade em sua perspectiva pós-estruturalistas, valendo-me, ainda, de inspirações vindas do campo da Comunicação, mais afeito aos Estudos Culturais.

Pesquisa, intimidades e tecnologias

A pesquisa por mídias digitais tornou mais acessível e compreensível a vida íntima – afetiva, amorosa e sexual –, expandindo os limites investigativos antes restringidos pelas dificuldades impostas pela exposição face a face, na qual barreiras morais delimitavam mais radicalmente o que se podia dizer ou mostrar. Em outros termos, o contato mediado expandiu a pesquisa em rede, aumentando tanto o número de sujeitos quanto o território explorável, incentivando, na

9 Refiro-me a intensões difusas tomando a sério o que os homens com os quais tenho interagido até o momento (118, dos quais, até o momento, 33 contribuíram/contribuem de forma mais efetiva). Muitos deles dizem que procuram “ver no que dá”, “companhia”, “pode ser que não role sexo, mas pode virar amizade”, “conhecer pessoas interessantes”... Poucos dão centralidade ao sexo, ainda que ao longo das conversas este seja um elemento importante e desejado, mas pelo que declaram, não estão lá apenas em busca de encontros sexuais.

perspectiva de muitxs investigadores, a realização – por exemplo – de etnografias multissituadas (Marcus, 1998).

A internet comercial e, posteriormente, a Web 2.0¹⁰ e todos os seus desdobramentos tecnológicos abriram nas últimas décadas um campo investigativo profícuo, no qual práticas sexuais invisibilizadas e, mesmo, perseguidas socialmente encontraram lócus de expressão significativo. Esses usos chamaram a atenção de pesquisadoras e pesquisadores que perceberam no *on-line* possibilidades investigativas e analíticas difíceis de serem acessadas no *off-line*.

Na área de pesquisa em gênero e sexualidade, o contato mediado permitiu acesso a sujeitos cujos desejos, práticas sexuais e até mesmo demandas políticas permaneciam invisíveis ou apenas tangencialmente analisados nas pesquisas sociais. São exemplos relevantes a forma como a internet facilitou o contato com homens que se relacionam com outros homens em segredo (Miskolci, 2013, 2014; Zago, 2012), a possibilidade de entrevistar e etnografar clientes de trabalhadores do sexo (Pelúcio, 2009), adeptos de culturas sexuais alternativas (Braz, 2012; Freitas, 2011; Vencato, 2013) e inclusive grupos que passaram a se compreender politicamente por meio da web, como pessoas intersex e homens transexuais (Ávila, 2004).

As mídias digitais têm nos ajudado a compreender os limites morais que operam no constrangimento da expressão de desejos e afetos que desafiam normas e convenções sociais. Mesmo porque têm sido empregadas como meio tecnológico para flexibilizar limites às relações entre pessoas do mesmo sexo, às práticas sexuais não-convencionais e mesmo à conjugalidade monogâmica (Pelúcio & Cervi, 2011; Pelúcio, 2015) e as históricas barreiras para que mulheres flertem e busquem parceiros segundo seus próprios interesses e critérios (Beleli, 2012).

Além das expansões e vantagens de pesquisar com o uso de mídias digitais, surgem também novos desafios investigativos. Temos sido provocadxs a usar tais recursos não apenas como ferramenta e campo de investigação, mas como elemento para reflexão de novas formas de nos relacionarmos sexual e afetivamente, na constituição de novas subjetividades e identidades políticas

10 A Web 2.0 começa a ser elaborada em 2004. O sistema “foi popularizado pela O’Reilly Media e pela MediaLive International como denominação de uma série de conferências que tiveram início em outubro de 2004 (O’Reilly, 2005 apud Primo, 2007, nota de rodapé 3). Ainda segundo Ales Primo “A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (Idem: 21)

provocadas pela comunicação mediada por computadores, smartphones, tablets e outros dispositivos similares (Natansohn, 2015; Pait & Laet, 2015).

As mídias digitais voltadas para trocas, encontros e relacionamentos amorosos/ sexuais, incluem desde salas de bate-papo a aplicativos móveis, são entendidas nesta proposta de trabalho “como meios que permitem criar redes relacionais seletivas dentro de uma espécie de mercado amoroso e sexual, o qual ascendeu a partir da chamada Revolução Sexual e agora apenas passou a ser visualizável por meio de *sites* e aplicativos” (Miskolci, 2014: 20). Mas também responde a um conjunto de transformações sociais e econômicas marcadamente neoliberais que, a partir de meados dos anos de 1980, incidiram diretamente na forma das pessoas constituírem relações. Individualismo, competitividade, estímulo ao risco e às experimentações, precarização de relações tidas como duradouras, seja no âmbito do mundo do trabalho ou das relações domésticas, são algumas destas mudanças que acabam conformando um novo *ethos* emocional que ajuda a conformar um mercado afetivo regido por códigos fluidos, mas operantes, ao qual alguns *sites* e aplicativos para fins de encontros parece corresponder.

“Alguém interessado em explorar o estudo das mídias digitais precisa estar atento para o fato de que elas potencializam e transformam meios anteriores de comunicação”, propõe Richard Miskolci, “os quais, por sua vez, já foram inovadores e causaram grandes mudanças sociais e subjetivas. Um bom exemplo é o de como as mensagens instantâneas atuais foram precedidas pelo serviço postal, em especial, o telegrama, o qual já foi a forma avançada e rápida da troca de correspondência.” (Miskolci, 2011: 10). Porém, há nos usos contemporâneos, singularidades flagrantes, as quais não podem ser entendidas em sua radicalidade, senão considerarmos a dimensão histórica, social, cultural e política que incidem sobre os usos que fazemos das tecnologias e como estas têm se imiscuído com os afetos e emoções.

“As máquinas são sociais antes de serem técnicas”; isso significa dizer que “há uma tecnologia humana antes de haver uma tecnologia material” (DELEUZE, 2005, p. 49), ou seja, que para cada período histórico existem tecnologias – máquinas, aparatos técnicos – que são produtos de uma organização histórica, política e cultural específica e das relações de poder que aí se exercem. Não são os aparatos técnicos que determinam quem somos e como somos; existem, sim, máquinas que se articulam com os contextos históricos e políticos de uma dada cultura tanto para responder às urgências

áí colocadas quanto para oportunizar novos modos de produção de subjetividade (Guattari, 2008 apud Zago, 2015: 151).

Esses aparatos servem também para testarmos escolhas metodológicas, valendo-nos exatamente dessa dimensão afetiva, política e cultural dos meios. O que de fato queremos saber? Quais canais de comunicação são mais rentáveis para nossos propósitos? Quais temas, assuntos, funcionam melhor quando a comunicação é potencialmente sincrônica ou quando é entendida como assíncrona? Essas são perguntas que me parecem pertinentes de serem enfrentadas quando passamos a acessar mais amiúde nosso campo de pesquisa, o qual, quase sempre, se espalha em rede. Enfim, como nos lembra Christine Hine é preciso “observar detalhadamente as formas em que se experimenta o uso da tecnologia” (2004, p. 163).

Dialeticamente, pode ser produtivo considerar a maneira que as tecnologias, criadas por vezes com propósitos diversos, incidem nas formas de experiencarmos contemporaneamente os sentimentos, modulando-os a partir de uma “nova economia do desejo” (Miskolci, 2014). Esta se orienta pela sensação de abundância de parceiras/os potenciais disponíveis em um largo catálogo humano, organizado a partir de uma lógica matemática (combinações por meio de algoritmos), o que, por sua vez, implica em urgência dos contatos e, desejavelmente, de encontros¹¹.

Cito Richard Miskolci, que após intensa etnografia e profícua reflexão, atenta para a estreita relação entre esfera pública e íntima, de maneira que as formas contemporâneas de relações regidas pelo que ele nomeia como “nova economia do desejo”, carregam para os suportes e meios de interação *on-line* a lógica das estruturas sociais do presente, e, assim, seus valores e contradições. “Economia aqui se refere tanto ao universo da produção e do consumo quanto à forma como se regula o desejo” (Miskolci, 2016, p. 234).

11 Quando a combinação de interesses se dá por meio dos mecanismos cibernéticos de cada aplicativo, a comunicação deve ser estabelecida na maior brevidade de tempo possível. Não fazê-lo, como metodologicamente escolhi proceder (o que deixarei mais claro mais à frente), quase sempre implica em não desenvolver minimamente o contato, quer dizer, aquelas pessoas não virão a se comunicar em tempo algum. Esse silêncio parece ser mais recorrente atualmente do que em outros momentos, pois já começam a aparecer em perfis do *happn*, por exemplo, advertências nesse sentido: “se for para dar *crush* e deixar no vazio, nem vem”. Trabalho com a hipótese de que esse comportamento, quer dizer, aceitar o cortejo sinalizado por ferramentas digitais como “charmes” e “*crushs*”, é quase que fazer um estoque de possibilidades de relacionamento, dada a abundância de perfis e a possibilidade cada vez mais recorrente das pessoas estarem flertando com outras tantas ao mesmo tempo em que elegem novas possibilidades de afeições.

As relações entre afeto, sexo e amor passam a se dar em uma nova configuração econômica, de trabalho e de consumo, em que as relações sociais se dão crescentemente por meios comunicacionais em rede. De forma geral, refiro-me à maneira como as vidas sexuais e amorosas e o próprio desejo das pessoas passam a se expressar no contexto contemporâneo, em que passamos a viver em uma sociedade pós-industrial, centrada em serviços, no consumo, na segmentação midiática e em formas de trabalho “flexíveis”. (Idem, *ibid.*)

A flexibilidade emocional reproduz algumas das características do termo aplicado ao mundo do trabalho, com contratos fluídos e informalização das pactuações que regiam as relações entre as partes envolvidas. Sem regulações claras, estão todos um tanto tateantes diante desse novo regime de gestão dos sentimentos. A flexibilização carrega muitas incertezas e umas tantas inseguranças.

Masculinidades em tempos de aplicativos

A maioria dos meus colaboradores da pesquisa reconhece que, apesar das mudanças sociais e culturais nas relações de gênero do presente, ainda é mais vantajoso ser homem, colocando por terra a ideia de “crise de masculinidade” bastante presente nas pesquisas publicadas na década de 1990 (Oliveira, 2000). Quando articulam dessa forma, estão claramente partindo de uma perspectiva relacional, ou seja, comparando suas vidas, oportunidades, liberdades, autonomia, possibilidades profissionais, amorosas e sexuais, com as de mulheres que formam seu círculo de relações e, muitas vezes ainda, refletindo sobre situações sociais nas quais as questões de gênero aparecem de forma mais flagrante: violência sexual e/ou domésticas, menores salários, obrigações morais e sociais mais exigentes.

Ensaio uma definição provisória para o que tenho chamado de masculinidades contemporâneas, propondo que são aquelas que têm sido tensionadas pelos discursos de gênero do presente, os quais carregam de forma mais ou menos sistematizada heranças das lutas feministas, reposicionando o lugar das mulheres nas negociações das relações entre feminilidades e masculinidades, expressas em corpos que não têm, necessariamente, a ancoragem do gênero na genitália. Os sentidos mais prismáticos dos gêneros e as contestações sobre a forma de experienciá-los, mesmo na estreita moldura dos binarismos, tem proporcionado um novo vocabulário para que homens pensem relacionalmente (ou não) o “ser homem”, questionando a forma de performar essa experiência a partir de valores tradicionais como “honra”, “força”, “dominação”, “trabalho”,

relativizados em suas falas, quando consideram que mulheres também têm acionado esses atributos nas relações cotidianas.

Mesmo sem abandonarem de todo aqueles princípios historicamente associados à masculinidade, outros valores parecem atravessar as experiências tateantes desses homens frente às mudanças do presente. Assim, a “aventura” relacionada à prática de esportes, a viagens e a tentativas de reconfigurar o campo de relações amorosas e sexuais vincula-se à “adrenalina”, uma espécie de substância contemporânea que azeita a masculinidade, por meio de sua presumida capacidade de denotar vigor, virilidade e juventude. Ainda que considerem o protagonismo feminino no campo afetivo (“as mulheres aqui querem mais sexo que os homens”, me escrevem com frequência), paradoxalmente, essas iniciativas ainda estão alocadas em um lugar desvantajoso, sobretudo quando se trata de negociar os termos das relações amorosas.

Apesar desta percepção, a maior parte deles julga que houve muitos avanços para as mulheres e que seriam hoje mais independentes, “liberadas” sexualmente, “donas de si”. Observações que aparecem em diversas conversas em tom celebratório, mas que no decorrer das interações ganha, comumente, outros sentidos. Esta festejada emancipação não parece trazer conforto para meus interlocutores na negociação dos encontros encetados por meio dos aplicativos, pois o que alegam com frequência é que muitas mulheres não têm conteúdo para levar adiante uma conversa, que reforçam o machismo ao exporem seus corpos por meio de fotos enviadas aos seus interlocutores, entre outras queixas que carregam, não raro, um tom vitimário, quase sempre associando a indiferença de suas pretendentes em relação a eles por não serem homens de posses ou por não parecerem suficientemente atraentes aos olhos delas. Esta última observação, tende a associar a avaliação das mulheres sobre eles como superficial e fútil.

Talvez, o que de fato esteja em curso seja uma tensão entre as reconfigurações de gênero, em uma sociedade na qual, há mais de uma década, temas como sexualidades dissidentes, direitos sexuais e de gênero têm ocupado grandemente a arena pública, impactando o campo privado. As pessoas têm, inclusive, assimilado novas palavras para pensar em si e nas relações à sua volta, assim como reavivado conceitos mais antigos, que parecem, voltam a ter centralidade como descritores potentes para pensarem em suas próprias relações íntimas.

Por esses meios, as conversas caminham rapidamente para a intimidade, inclusive com a pesquisadora, e podem terminar com a mesma brevidade com que se alcançou o estágio de confissões e desabafos. Negociar fronteiras entre confiança, intimidades, segredos e profissionalismo é um exercício exigente. Mas, sem construir confiança, termo estruturante das etnografias, sem humanizar-me

diante deles, percebo que as conversas, já bastante difíceis de sustentar por meios digitais, tendem a se transformar em questionários tediosos.

A temporalidade comprimida somada a intensificação dos investimentos e da construção de intimidade faz com que em poucas horas a colaboração seja qualitativamente preciosa. Na mesma velocidade, porém, pode se diluir, e nunca mais conversamos. Reproduz-se, assim, na pesquisa um ritmo de aproximações e distanciamentos muito semelhante àquele reportado pelos homens com quem conversei sobre como são as relações que estabelecem por meio dos aplicativos.

A intimidade emocional aparece como um desejo bastante presente, expresso pelos homens que colaboram comigo. Desejo que tende a se frustrar pelo descomprometimento atribuído quase sempre à outra pessoa. Declarações do tipo “aceitam o charme¹², mas nunca respondem às mensagens”; “mentem”; “não levam a conversa à diante”; “diz que tá sempre ocupada e quando vc vai olhar, tá lá *on-line* o dia todo”; “no fim, querem só sexo e eu não sou esse tipo de cara”, sinalizam que o insucesso no estabelecimento de laços mais sólidos é responsabilidade das mulheres. A pesquisadora não está isenta de ser ela também alguém que abandona a relação, ainda que haja mais tolerância e ponderação quando esse tipo de cobrança surge relativa ao trabalho. Ao fim, é pesquisa. Isso eles entendem e reafirmam, é uma escusa da qual quase me isenta de julgamentos mais duros. Quase, pois eles surgem e são temas para conversas que rendem bons dados¹³. Registro, porém, que sou bastante “abandonada”. Acabo assumindo o “*ethos* da flexibilidade”.

12 Ferramenta existente nos dois aplicativos que tem servido de campo de encontros de colaboradores para esta pesquisa. Por meio de recurso, representado em ambos pelo ícone de uma varinha de condão, pode-se chamar a atenção da mulher que despertou interesse no usuário, sinalizando, assim, a intensão de conversar e se aproximar daquela pessoa.

13 É interessante como as recusas a participar da pesquisa pode gerar bons dados para a reflexão ético-metodológica. Algumas vezes, antes da recusa, há um processo de negociação por meio do qual sou questionada sobre a metodologia etnográfica, muito imprecisa para grande parte de meus interlocutores, bem como sobre como procederei eticamente em relação aos dados. Mesmo esclarecendo por escrito e/ou áudio, já no primeiro contato por WhatsApp, quando fica manifesto o interesse em conhecer a proposta da pesquisa, houve quem me cobrasse o uso do Consentimento Livre Esclarecido e tenha recusado de maneira quase grosseira a participar por não considerar a pactuação nos moldes antropológicos, confiável. Nesta negociação, fica evidente que pertencimento de classe e geração são marcadores que se interseccionam com exercícios de masculinidades, ora competindo comigo intelectualmente, por vezes, insistindo em me demover do propósito da pesquisa a fim de desenvolver com o interlocutor relação que secundarize os propósitos do contato, a saber, a pesquisa. Há ainda aqueles, quase sempre os que estão entre 40 e 50 anos, que procuraram testar seu grau de desejabilidade, insistindo em saber o porque de ter aceito o charme deles ou porque mostrei interesse em conhecê-los, recusando a explicação acadêmica como suficiente para justificar o contato.

Pelos dados que tenho até o momento, talvez não seja arriscado dizer que a ideia de relações flexíveis é muitas vezes uma via de mão única, mais que uma norma regulatória e presumida destas relações digitais. Parece ser mais uma demanda do que uma disposição de quem usa esses recursos em busca de parcerias amorosas e/ou sexuais. “Enquanto não acho a pessoa certa, vou me divertindo com as erradas”, cita Gustavo, um homem branco de 32 anos, rindo de uma frase que ouviu certa feita e que traduz sua conduta nos aplicativos. Ele se separou há pouco, não quer nada sério por hora, mas tem a perspectiva de encontrar “mulheres legais”. O que significa que aceitem sair com ele, que não façam cobranças relativas à continuidade dos encontros, que não intensifiquem as conversas pelo WhatsApp depois da primeira transa e que estejam dispostas a um outro encontro se forem convidadas pelo mesmo homem. Por outro lado, Alan, 37 anos, negro, tenente da Polícia Militar, lamenta que as mulheres não queiram nada sério, não levam as conversas à diante, falam com muitos homens ao mesmo tempo e não estão dispostas a um encontro “de verdade”, sinalizando que ele estaria disposto a algo menos “flexível”.

Silvio tem 36 anos, que também se define como negro, jornalista, casado, me interroga quando insisto em saber o que ele quis dizer quando afirmou que no aplicativo *Adote um Cara*, “as mulheres são piores que muitos homens”. Ele: “Não sendo puritano, apenas entendo que mulher que sai com qualquer um a qualquer hora, não vejo como boa companhia (...). Quando tu encontras alguém que saiu com 4 em uma semana, ou ainda, esta em dificuldade financeira ou toma 30 remédios, que tu achas?”. E conclui: “acho que o destino esta me afastando daqui”. A “flexibilidade” sexual dessas mulheres parece ser um impedimento maior para o envolvimento com elas do que o fato dele ser casado.

Alguns desses interlocutores de pesquisa expressam em suas observações valores que deveriam reger relações de gênero, nos quais a masculinidade ainda parece ser um lugar privilegiado para o julgamento do outro. Há uma certa superioridade moral atravessando essas análises da alteridade, deste outro “corporificado” nas mulheres com as quais se relacionam, ainda que efemeramente, por meios digitais.

Teias desejanter

Capturada por essas teias desejanter, percebo que muitas vezes o que leva potenciais interlocutores a se tornarem efetivamente colaboradores, respondendo “sim” ao meu convite para integrar a pesquisa, estranhamente tem a ver

como utopias emocionais¹⁴ do presente: posso ajudá-los a se entenderem mais; torno-me uma interlocutora que tende a responder frequentemente suas abordagens, atendendo suas expectativas de diálogo mais sincrônico, o que significa terem alguém com quem falar em momentos nos quais se sentem sós ou dispostos a uma conversa intimista; podem testar comigo suas habilidades de sedução, uma vez que não é incomum que tenham elogios à minha aparência e sinalizem a vontade de me encontrarem pessoalmente, esperando que eu também diga algo sobre seu grau de desejabilidade. Como Renato, 49, branco, do ramo de comunicações jornalísticas, morando em São Paulo, que insiste: “por que me escolheu?”. Explico mais uma vez sobre a pesquisa, sobre o fato dele ter mais de quarenta anos e ser empresário, entre outras variáveis importantes, sobre as quais não fui explícita, mas suas fotos procuravam lhe conferir um lugar de classe privilegiado. Não se convencia, voltava à pergunta: “por que me escolheu?”. Mais argumentações de minha parte, todas centradas nos objetivos de pesquisa. “Mas aí não passei de um número dentro de seu universo de pesquisa”, pondera e declina do convite para participar. Renato queria que eu falasse como “Larissa” e, talvez, oferecesse a ele “um grande reforço para autoestima”, o que Pedro, 40, ator, vivendo em São Paulo, considera que o *happn* lhe dá.

Como separar o que penso “não como pesquisadora, mas como Larissa?”, se o que me coloca nessas teias desejantes é minha posição justamente de pesquisadora? Será que há mesmo essa cisão entre um eu, supostamente mais “selvagem”, pois não estaria domesticado pelo pensamento racionalista da ciência¹⁵, e essa outra figura supostamente segura de si e de suas certezas, a pesquisadora? O quanto estamos assim tão seguras, se o campo nos afeta de diferentes formas, inclusive levando-nos a repensar nossas questões acadêmicas?

14 Empréstimo a reflexões de Eva Illouz sobre a forma como temos, em tempos de capitalismo emocional, ou seja, pós-industrial, bastante pautado pelos anseios culturais veiculados pelas mídias de massa, vinculado a ideia de felicidade ao consumo, inclusive de emoções, apostando em linguagens vulgarizadas provenientes da psicanálise e das referências dos discursos de autoajuda, como recursos para a gestão dos afetos e emoções. Valendo-nos de lógica mercadológica para tal, bem expressa na observação que um de meus interlocutores fez certa feita, quando me explicava que o *Adote um Cara* não é gratuito para usuários masculinos. Há disponível gratuitamente um pacote diário de “charmes” (10), se o homem desejar enviar mais, precisará pagar. Então ele pondera: “Como é pago, você precisa calcular muito bem para quem manda um coraçãozinho” (referindo-se ao ícone presente em vários aplicativos acionado para sinalizar interesse por um perfil específico).

15 Alusão à proposta de Lévi-Strauss quando argumenta que o pensamento “selvagem”, aquele que opera pela lógica do concreto, não se difere em estágio do pensamento científico, mas na forma de operar a sua significação da realidade. O pensamento selvagem seria aquele que não está domesticado pelo rigor conceitual, abstrato, da ciência do mundo ocidental, o saber positivo, mas o que classifica, organiza, pensa o mundo concreto que o cerca, organizando-o, retirando seu saber das coisas, pois, como diz Lévi-Strauss, elas são boas para pensar.

Revelei opiniões diversas, falei de minha vida pessoal, não apenas como estratégia para humanizar-me e suscitar empatia, conseguindo, assim, interações mais profundas, mas porque o envolvimento que vamos tendo com a troca de narrativas de si vai-se construindo relações densas. Assim, todxs nós que pesquisamos no campo das sexualidades e dos afetos acabamos por nos deixar seduzir pelos convites para falarmos mais de nós mesmxs. Nós que nos aproximamos protegidxs pela aura da ciência, quase sempre vista como sisuda, mas confiável; que pedimos confissões a partir de perguntas que parecem não ameaçar ninguém, vamos nos imiscuindo na intimidade de nossxs colaboradoras/es, querendo mais. Muitas vezes, essa é a chave para se entrar e permanecer em campo.

Às vezes, a única possibilidade que temos de fazer o campo de pesquisa e catapultar a produção de conhecimento está precisamente no convite que *s¹⁶ participantes de pesquisa nos fazem. É como se *s participantes de pesquisa nos dissessem: ‘tu, pesquisad*r com gênero e sexualidade como eu, venha fazer pesquisa comigo e em mim!’. Aceitar o convite não é uma decisão compulsória: é uma decisão que merece ser fruto de uma prática refletida de liberdade, do exercício da ética. (...) o que é mais produtivo para esta pesquisa? Qual a relevância política de cruzar determinados limites? (Zago, 2015: 94)

As interlocuções em trabalhos que se dão intensamente *on-line* atravessam nosso cotidiano doméstico e de trabalho. É desafiante pontuar e pactuar esses momentos para os/as interlocutorxs. Muitos dos homens que se dispõem a conversar comigo preferem fazê-lo em momentos em que estão desocupados, entediados talvez, sozinhos, o que pode ser tarde da noite ou em um domingo à tarde. Há sempre a possibilidade de não responder, de se desconectar, de sinalizar que naquele momento não é possível conversar. Para isso, o óbvio, é desejável que seu celular de trabalho não seja também o pessoal, o que nem sempre é possível dado os custos dos aparelhos. Por outro lado, não são poucas as pesquisas que tenho orientado e acompanhado nas quais dar acesso à rede de colaboradx da pesquisa ao perfil pessoal no Facebook, conta no Instagram, entre outros, torna-se parte fundamental da metodologia.

Não há receitas para administrar esses atravessamentos entre vida pessoal e acadêmica, mas se pode compartilhar experiências e estratégias, inspirar-se

16 Luiz Felipe Zago adota uma grafia inclusiva a fim de contemplar a multiplicidade de gêneros substituindo pronomes, artigos, adjetivos e advérbios que denotem binarismo pelo asterisco.

com os achados de outras pesquisas. É nesse sentido que exponho aqui algumas histórias que têm me provocado e me feito buscar caminhos de negociações.

Bruno, 39 anos, profissional liberal, paulistano, foi meu primeiro *crush*¹⁷ desestabilizador. Não estou em nenhum “relacionamento sério” no momento em que escrevo esse texto, para usar uma linguagem dos aplicativos, nem estava quando iniciei essa pesquisa, o que não é um dado desprezível, devo admitir, quando se trata de um trabalho no qual tenho um perfil em aplicativos para relacionamentos, disposta a interagir com homens que se mostrarem interessados.

Desestabilizei-me com aquele *crush*, pois até então nenhum dos homens com quem interagi havia me despertado interesse pessoal. Conversei com Bruno por algumas horas seguidas. Eu estava em uma viagem de ônibus voltando justamente do trabalho de campo em São Paulo, onde nosso encontro virtual se deu via o aplicativo *happn*. Ao fim de três horas a conversa começava a tomar rumos que não cabiam na pesquisa. Disse a ele, então, que a partir daquele momento ele não seria mais um interlocutor de pesquisa, mas um “cara que estou conhecendo”. Ele assentiu. Prontamente mudei o nome dele em minha lista de contatos. Não era mais “Bruno 39 happn”, só Bruno. Por duas semanas. Depois foi para a pasta de conversas arquivadas, do WhatsApp. Esgotou-se nosso interesse mútuo. Talvez porque adiamos o presencial, quem sabe porque o acesso ao Facebook um do outro nos revelou perfis políticos incompatíveis, ou porque estávamos, por motivos diferentes, conversando com outras pessoas simultaneamente.

As conversas por meios digitais são bastante editadas, encapsulam a relação numa troca modulada pela ausência das intervenções de outras pessoas e elementos de nosso cotidiano, de modo que, não sabemos ao certo, mesmo com tantas revelações e cumplicidades, quem está do outro lado.

O que importa de fato desta história de (des)encontros contemporâneos não é porque Bruno e eu deixamos de nos falar sem nunca termos nos desentendido, mas o pacto ético que fizemos. Ao fim, cá está ele na pesquisa, é certo, mas enquanto nosso flerte virtual durou ele foi “um cara que eu estava conhecendo”.

Com essa experiência fui absolutamente nativa. Afetou-me e proporcionou importantes reflexões sobre as formas como a comunicação digital nos atravessa, excita, desencanta, instiga a imaginação. Por meio dessa vivência pude entender melhor as recorrentes queixas de meus interlocutores sobre a não

17 No *happn*, é possível “curtir” um perfil secretamente, isto é, sem que se envie charme, mas o contrário não. Quer dizer, para mandar um charme é preciso primeiro digitar no coração que fica abaixo da foto de cada usuário/a. Ao fazer esta operação, a pessoa está “curtindo” um/uma potencial parceiro/a sem que este/esta saiba desse interesse. Se a curtida for correspondida, o sistema avisa que houve o “*crush*”, vocês se “tombaram” e podem começar a conversar, se assim desejarem.

efetivação das expectativas e promessas feitas em curto espaço de tempo, no *frison* das descobertas digitadas entusiasticamente.

Há um fluxo *off-line* que interpela o *on-line* sem que, necessariamente, a pessoa que está do outro lado da relação saiba de fato como estamos sendo afetadas/os por esse cotidiano *off* que não a inclui diretamente. O abandono é lugar comum nesses contatos. Os motivos para tal têm a ver, avento como hipótese, com aquilo que Nancy Baym (2010) chama de “laços fracos”, aqueles que acabam por demandar menor esforço emocional nas negociações interpessoais. O que não significa que não nos impacte. Quando a corporificação do outro não nos interpela, constrange, convoca e exige intermediações nos termos de sociabilidade com o qual estamos mais habituadxs a lidar, essas separações e distanciamentos podem ser muito mais difíceis de serem negociados e estabelecidos. Pelas mídias digitais podemos terminar relações com reticências e não com pontos finais, de maneira menos constrangedora. Enviamos *emoticons*, contornamos com evasivas que culpam nosso cotidiano pela falta de tempo para a interlocução ou simplesmente bloqueamos o contato, deletando sua presença.

Porém, concordo com Miskolci (2016: 77-78) quando reconhece que

Laços fortes não são apenas positivos, pois podem aprisionar e limitar as relações sociais disponíveis a alguém de forma injusta e desigual. Para muitos, os chamados “laços fracos” (Wellman, 1988) das conexões online são duplamente desejáveis: porque garantem segurança de poderem ser rompidos sem consequências negativas para sua vida cotidiana assim como podem ser os mais adequados para desejos segmentados como os que envolvem a formação de redes relacionais envolvendo interesses eróticos comuns.

Gabriel, Rodrigo, Luan, todos na casa dos 30 anos, foram homens gentis e colaborativos com a pesquisadora. Estavam sempre dispostos à interlocução, teciam elogios recorrentes a mim, os quais eu agradecia ou simplesmente ignorava emendando outro tema de conversação que deixasse bem claro minhas intensões acadêmicas. Após algumas investidas deles e de negativas claras de minha parte, sumiram. É legítimo. Apesar de colaborarem com meu trabalho, desejavam também obter mais que uma conversa pontuada por interrogações, queriam ser desejados, divertirem-se falando de sexo não como hipótese ou narrativa de experiências pregressas, mas praticando-o digitalmente comigo. Em um sábado à noite, Gabriel queria preencher seu tempo vazio me convidando para “um Skype”.

Rodrigo preferia as conversas pela manhã, quando estava só no escritório da oficina da família. Sempre cauteloso, arriscava aqui e ali elogios, perguntava quando eu iria à sua cidade, onde tenho familiares, respeitava minhas evasivas, até que cansou delas. Contribuições ricas, mas que não ultrapassaram duas semanas de contatos. Com Luan a comunicação foi mais intermitente e, ainda assim, trocamos mensagens por menos de um mês. Ele queixou-se, desde o início, de eu tê-lo colocado na “caixinha da pesquisa”, fechando, segundo seu ponto de vista, a possibilidade de interlocução para além dos interesses acadêmicos. Aconselhou-me a ser menos explícita nos meus interesses, para não criar viesses na pesquisa. *“Você pode falar que é uma pesquisa, mas não abrir tanto, porque aí a gente já fica pensando no que falar, sabe, não sai mais natural, não vai fluir com tanta espontaneidade a conversa, sempre vou pensar duas vezes antes de falar alguma coisa com você, entendeu?”*. Isso não impediu que ele insistisse no flerte. Posicionei-me, dizendo que não tinha nada contra conversarmos, mas que tinha que fluir, “você dá muito pouco para sustentar uma conversa, e aí já entra na parte de galanteios...”, argumentei diante de suas mensagens diárias, curtas e com respostas monossilábicas. Esquivou-se, dizendo que não achava que nossa conversa não deveria interditar “elogios simples”. Retruquei dizendo que não eram os elogios que me desestimulavam, mas a comunicação telegráfica que só ganhavam fôlego quando se tratava de investidas de sedução. *“Vou deixar vc trabalhar, que seja produtivo”*. E me deletou de seus contatos. Fiquei desconsertada, mas, ao fim, aliviada, imaginando como seria mais exigente essa ruptura se meu campo fosse nos moldes das etnografias *off-line*.

Estou aprendendo, não sem tropeços, que a etnografia *on-line* está assentada não só em outro campo, um campo sem território, mas ainda assim codificado; mesmo que estes códigos ainda estejam sendo elaborados, como já mencionei, eles existem, são testados, alguns rechaçados, outros se estabelecem revelando marcas geracionais, por exemplo, como o claro roteiro comunicacional do flerte, que descrevi mais acima. De qualquer forma, não estão completamente descolados dos códigos de sociabilidade *off-line*, mas tampouco os reproduzem completamente.

A etnografia que realizo me coloca em contato simultâneo com muitas vidas parceladas, sem que possa situá-las em contextos sociais significativos, quer dizer, que me ofereçam mais rapidamente pistas sociológicas orientativas. Por outro lado, como aconteceu com Luan, as rupturas tendem a se dar reduzindo grandemente a possibilidade de reencontros e necessidade de se voltar a pactuar nosso lugar como pesquisadora. Evidentemente isso não vale para todas as pesquisas com

mídias digitais. Carolina Parreira Silva (2008)¹⁸, em sua dissertação de mestrado realizada em uma comunidade no extinto Orkut¹⁹, precisou negociar sua permanência naquele universo de sociabilidade, pois a tensão com um dos membros da comunidade foi acompanhada por outras pessoas que ali interagem, gerando debates e conflitos com os quais ela teve que lidar. Diferentemente do campo que percorro, no qual meus interlocutores não têm contato entre si. Trata-se de uma etnografia feita na lógica do par: eu e ele(s), nunca eu e um grupo.

Há quem só atue como *lucker*, imergindo silenciosamente nas redes, transitando por elas sem muitas exigências de negociações com as pessoas que delas fazem uso. Outras pesquisas exigem que, mesmo como observador/a, tenhamos que negociar nossa entrada, como ocorreu comigo durante o pós-doutorado, quando acompanhei um fórum de debates em *site* para clientes espanhóis de travestis²⁰.

Assim, os recursos digitais de comunicação que funcionaram bem em uma determinada pesquisa, não necessariamente serão adequados quando o enfoque, os objetivos, o público, enfim, algum elemento da investigação, mudarem. Aliás, é preciso considerar que os próprios usos de aplicativos móveis, *sites* e plataformas digitais mudam. Não foi sem surpresa que constatei que o Tinder, aplicativo voltado para encontros amorosos e/ou sexuais estava sendo usado por algumas pessoas para arrumarem cruzas para seus bichos de estimação. Ou mesmo o *Adote um Cara*, no qual a geolocalização que deveria funcionar azeitando os encontros presenciais, tem sido secundarizada como elemento guia para se enviar charmes e tentar contato. Gustavo, 30 anos, carioca, afirma que a distância não é um problema para ele, pois, se o interesse for mútuo, irão construir pontes para que o *on* vá para o *off-line*. Outros interlocutores, borrando as fronteiras trabalho/lazer, se distraem em conversas picantes ou estimulantes durante turnos de trabalhos entediante, sem se importarem com hipotéticos encontros fora dos meios digitais.

Mal elaboramos um conjunto de técnicas e formas de abordagem para lidar com determinada mídia e seus usos podem se diversificar ou mudar a ponto de levar ao seu abandono por parte de nossos interlocutorxs e/ou migração para outras plataformas. A troca de plataformas, seu uso articulado e, inclusive, a invenção de novas maneiras de interagir (dentre as quais os aplicativos, relativamente recentes, são um exemplo) tornaram necessária a superação de estratégias investigativas

18 Trata-se da dissertação de mestrado intitulada "Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line".

19 Rede social do Google que existiu entre 2004 e 2014 e foi muito popular no Brasil.

20 Resultados desta pesquisa podem ser consultados em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50806>. Acesso em 07 out. 2016.

que focavam apenas em um site, blog ou fórum. O foco em uma plataforma confundia o universo *on-line* com a territorialidade *off-line* em uma passagem mecânica incapaz de reconhecer a centralidade dos sujeitos na era da comunicação digital mediada. Afinal, são os usos que os sujeitos fazem das tecnologias que têm se revelado o alvo mais confiável para investigar, o melhor ponto de partida e – muitas vezes – também de chegada para a maioria das pesquisas.

Investimentos emocionais digitais

A portabilidade, o uso intensificado de smartphones e de “radares” (GPS - sistema de posicionamento global, capazes de localizar pessoas que o usam ou mesmo que estejam conectado)²¹ têm provocado novas reflexões relativas às formas contemporâneas de se constituir laços afetivos nos espaços das cidades mediatizadas. As *media city* são, nas palavras de Scott McQuire, aquelas em que o “espaço relacional” criado pelas mídias digitais ganha massa e centralidade na vida social (2008: 23).

Talvez esta seja uma das mais significativas mudanças com impactos para as sociabilidades no campo da comunicação digital desde o advento, no início deste século, da Web 2.0²². Para José van Dijck é depois disso que a internet se torna “mais social” (Dijck, 2013: 04). É quando, ainda segundo esta autora, o termo “mídias sociais” passa ser largamente usado e ganha seu sentido contemporâneo.

Desde lá estaríamos, ainda segundo Dijck, operando em dois registros conflitantes: o da “conexão” e o da “conectividade”. O primeiro como um movimento que fomenta a coletivização e democratização de acesso ao conhecimento e que visa estimular a sociabilidade e a criatividade de quem usa o sistema. Enquanto o outro seria um sistema de conexão que opera por meio de algoritmos para estabelecer relações entre usuários das redes sociais digitais, impulsionado por objetivos de negócios e rentabilidade das plataformas.

Trabalho com a hipótese de que no campo das relações afetivas e sexuais mediadas digitalmente os/as usuários/as operam na tensão entre conexão e conectividade, pois, ao mesmo tempo em que procuram trocar experiências, alargar seu círculo de sociabilidade e experimentar relações prazerosas para as partes

21 A mediação digital das relações sociais tem crescido no mundo e, de forma exponencial, no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, mais de 49,4% da população brasileira tinha acesso à internet, ou seja, mais de 85 milhões de pessoas. Soma-se a estes dados o aumento de pessoas que utilizam estes serviços, no Brasil, por meio de celulares e outras tecnologias móveis. Segundo dados do Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2013, mostra ainda que 4,1% dos/das brasileiros/as se conectaram à internet apenas por meio de outros dispositivos, como celular, tablet ou a televisão.

22 Para Couto e colaboradoras (2013), os aplicativos inauguram a Web 3.0.

envolvidos/as na relação, operam também por meio da “comodização” de si e das relações. Essa espécie de “mercado *on-line*” se intersecta com a formação de arenas sexuais e afetivas pautadas por critérios e lógicas que a analogia com o mercado capitalista não encerra, tampouco compreende completamente. As características dessas arenas-mercado envolvem também elementos histórico-sociais, simbólicos e políticos, sem os quais investigadores não conseguem analisar a maneira como operam e, sobretudo, como os sujeitos negociam neles seus desejos e afetos. Apenas pesquisas específicas e mais aprofundadas poderão expandir essa percepção sobre o mercado *on-line* para além das definições ainda dependentes e referenciadas na concepção de troca de mercadorias pautada por uma lógica econômica de ordem capitalista.

Nessas arenas digitais, o *sex appel*²³ torna-se moeda importante, potencializando os atributos de quem se anuncia nos aplicativos. Estas qualidades, muitas vezes, procuram ser potencializada por meio de fotos que revelam paisagens valorizadas no mapa turístico global, locais de lazer prestigiados, bem como adesão a práticas de esportes radicais, ao consumo de bebidas e comidas que portariam valores simbólicos e financeiros que podem ser lidos como “bom gosto”. Anuncia-se, assim, cosmopolitismo, consumo de lugares e bens que passam a constituir uma aura do *glamour* a quem por ali esteve.

A associação entre consumo, sexo e amor vem se combinando em uma “economia política do romance” (Illouz, 2009: 115). Chama-se para um café, denotando um encontro breve e menos sexualizado, uma vez que remonta rotinas de trabalho no qual a pausa para o cafezinho é apenas um respiro no tempo de produção. Havendo uma aposta maior na parceria, e um desejo igualmente potencializado, a lógica gastronômica pede um almoço, quando, teoricamente, se terá mais tempo para conversas e para o possível cortejo, mas com a possibilidade de se abortar os planos de intimidade, dada a hora no qual este tende a ocorrer. O jantar ou o *drink* em um barzinho é marcado em um tempo que pressupõe o estar livre de obrigações laborais, o encontro noturno também insinua maior interesse sexual. Esse menu do encontro *off-line* me foi ensinado por um antigo colaborador de pesquisa.

Esta nova economia, proponho, tem contribuído para configurar outra geografia dos e para os encontros, assim como tende a constituir novas formas subjetivas para se lidar com as emoções, exigindo investimentos emocionais sensíveis.

23 Para a socióloga marroquina Eva Illouz, o *sex appel* está estreitamente relacionado ao crescimento da indústria cultural que, por meio do cinema e da publicidade, foi capaz de promover a erotização dos corpos, sejam femininos ou masculinos, em uma categoria social valorada e desvinculada de valores morais, agindo como um dos elementos principais na escolha de parceiras/os (Illouz, 2012, pp. 65-66).

Lidar com os códigos fluídos que estamos criando *on-line* não significa deixar de lado as normas e convenções sociais para interações interpessoais. As mídias trazem sua carga emocional e significam tanto quanto as mensagens que se trocará por meio delas. Conversar pelo WhatsApp, como comentei ao início, já não tem no presente o sentido de intimidade e familiaridade de poucos anos atrás. Assim como o e-mail passou a ter um sentido mais profissional do que em passado recente. Dentro desta economia afetiva, muito recentemente estabeleceu uma ordenação dos recursos de comunicação²⁴ os quais, esquematicamente, seguem uma sequência que guarda relativa previsibilidade. Inicia-se, via de regra, pelo *chat* do aplicativo, após a correspondência de interesses ter sido sinalizada pelo sistema; seguido pela conversa no WhatsApp. Por meio deste último, trocam-se mensagens de voz (importante elemento que carrega pistas sociais para se conferir materialidade sociológica àquele perfil), fotos, *links* de interesse, estreitando-se o contato e construindo-se intimidade.

Pode acontecer nessa estratégia contemporânea dos encontros, ligações telefônicas, as quais imprimem sincronicidade ao contato, exigindo maior disposição de ambas as partes para estar em contato direto e exclusivo com o outro. Em muitos casos, demandam-se conversas por Skype, quando imagem, som e sincronicidade atuam (recurso pouco requisitado, por implicar em muita exposição, ver não só a pessoa, mas o ambiente em que ela se encontra, ouvir sons do entorno, além de comprometer a portabilidade que os outros recursos comportam) e, por fim, o encontro presencial. Não há garantias de que este virá a acontecer.

O desejo desse encontro também aparece modulado por negociações entre tempo/espço/lazer, quer dizer, na forma de se usar os espaços tradicionais de sociabilidade oferecidos pela cidade. Interessa-me também neste artigo, discutir a dimensão *off-line* da pesquisa e, assim, refletir não só sobre metodologia, mas sobre como nossas/os interlocutoras/es têm se valido dos aplicativos para retrarem circuitos urbanos. Assim, as conexões se espalham em redes e colocam meus colaboradores, em maior ou menor grau, em contato com mulheres que estão fora dos seus circuitos cotidianos. Elas têm diferentes faixas etárias²⁵, exercem atividades laborais variadas, são de outras regiões que as deles, carregam marcas étnicas e de estilos plurais, traindo a promessa subsumida na lógica matemática dos algoritmos, expressas em “curtidas”, “*matches*” e “*crushs*”, as quais apostam mais em similitudes do que nas diferenças como elementos disparadores das interações *on-line*.

24 O qual estou chamando de roteiro do flerte ou da paquera.

25 A maior parte dos homens com quem conversei até o momento balizam a idade entre 30 a 45 anos.

Ainda assim, os homens que contribuíram até o momento com esta pesquisa não parecem menos seguros em suas investidas *on-line* do que já estiveram antes, quando suas estratégias de paquera e aproximação se davam exclusiva ou majoritariamente em contextos *off-line*. Estão, no entanto, aprendendo a transpor essas táticas para as interações digitais, não sem dificuldades e surpresas. Estas veem muitas vezes daquilo que devia criar as pontes comunicacionais: as convergências de interesse. Por vezes, as convergências parecem obstacular os contatos tanto quanto as divergências. “Mulheres hoje querem mais sexo que homens”; “elas não estão a fim de nada sério”, são observações queixosas que sinalizam para o desconforto de alguns desses homens lidarem com comportamentos femininos semelhantes aos deles próprios.

O que meus interlocutores me oferecem em seus relatos reflete o aprendizado tateante em lidar com transformações sociais e culturais que temos experimentado há pelo menos 50 anos. Desde os anos de 1960 temos vivido em nossas vidas privadas os efeitos políticos das lutas feministas e das transformações nas relações de gênero, impactando a maneira como vamos moldando nossos desejos e expectativas sexuais e amorosas. Some-se a esse percurso de transformações, a significativa politização, no cenário nacional recente, dos temas relativos às sexualidades que se expressam fora dos marcos da heterossexualidade, bem como uma inflexão das discussões sobre gênero. Esses debates têm oferecido um novo vocabulário para se falar de intimidade, corpo e desejos. Assim como têm nos obrigado a pensar em outros arranjos domésticos e de relacionamentos.

A textura das teias tecnológicas é rugosa, pois é composta também por essas transformações que nos colocaram frente a diferentes anseios privados, mas que estão absolutamente conectados à cena pública. Por outro lado, as tecnologias comunicacionais vazam para a vida *off-line* e alteraram não só a forma de flertarmos e desejarmos, mas também nosso vocabulário afetivo/romântico: “dei um *like*”, “compartilhei o *post* dele/dela”; “deu *crush*!”. Termos que sinalizam compatibilidade e interesse encontram seu oposto em expressões como “dei um bloqueio”²⁶, “deleti o contato”. De forma que a gramática dos encontros e afetos é também tecnológica. Traduz-se em ações e comportamentos que nos impactam tanto quanto aqueles que ocorrem presencialmente, carne a carne. Experimento esses efeitos também como pesquisadora.

Os investimentos emocionais que tenho feito nesta pesquisa têm me colocado frente a diversos desafios metodológicos. Talvez o maior deles seja, de fato, de cunho sociológico e mesmo pessoal: reconhecer que estamos diante de

26 Impedir que o contato bloqueado tenha acesso ao perfil de quem fez o bloqueio.

transformações profundas nas formas de nos constituirmos subjetivamente e relacionalmente, sem termos desenvolvidos recursos suficientes para enfrentar o mundo que nós mesmos ajudamos a criar.

Referências

- ÁVILA, Simone N. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem - A emergência da transmasculinidades no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.
- BAUMAN, Zigmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BRAZ, Camilo. À meia-luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculinos. Goiânia: Editora UFG, 2012, 208p.
- BELELI, Iara. Amores online. In: PELÚCIO, Larissa et alii (orgs). Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia. Marília/São Paulo, Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2012, pp.56-73.
- BUMACHAR, B. L. Migração e novas mídias: um diálogo sobre a experiência familiar transnacional de estrangeiras presas em São Paulo e de trabalhadoras filipinas residentes em Londres. Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRN, vol. 12, nº 2, Natal, 2011, pp.75-95.
- CASTELLS, Manuel. Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- DIJCK, José van. The Culture of connectivity: a critical history of social media. Oxford University Press. 2013.
- FINKEL, E. J., EASTWICK, P. W., KARNEY, B. R., REIS, H. T., & SPRECHER, S. Online dating: A critical analysis from the perspective of psychological Science. Psychological Science in the Public Interest, 13, 3-66. 2012.
- FREITAS, Fátima. R. A. de. SEXUALIDADES: PRAZERES, PODERES E REDES SOCIAIS. In: II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais, 2011, Goiânia. II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais. Goiânia: UFG/Faculdade de Ciências Sociais: FUNAPE, 2011. p. 54-55.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. 2a.ed., São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.
- ILLOUZ, Eva. “Don’t Be My Valentine: Are Couples Becoming a Thing of the Past”? Haaretz, Israel. 2013. Disponível em: <http://www.haaretz.com/israel-news/don-t-be-my-valentine-are-couples-becoming-a-thing-of-the-past.premium-1.503597> 2013 <http://www.haaretz.com/israel-news/don-t-be-my-valentine-are-couples-becoming-a-thing-of-the-past.premium-1.503597>. Última consulta em 03/05/2016.
- ILLOUZ, Eva. O amor nos tempos do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

- ILLOUZ, Eva. El consumo de la utopía romántica. El amor y las contradicciones culturales del capitalismo. Katz Editores: Madrid. 2009.
- MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of MultiSited Ethnography. In: George E. Marcus, Ethnography through Thick/Thin. Princeton: Princeton University Press.
- MCQUIRE, Scott. The media city: media, architecture and urban space. London: Sage. 2008.
- MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova* [online]. 2014, n.91, pp.269-295.
- MISKOLCI, Richard. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Cronos. Natal*, v. 12, p. 9-22, 2011.
- MISKOLCI, Richard. Desejos Digitais - uma análise sociológica da busca por parceiros online. Autêntica. Belo Horizonte. 2016 (prelo)
- MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, abril.2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So104-026X2013000100016&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 02 maio 2016.
- NATANSOHN, Graciela “Por uma agenda feminista para internet e as comunicações digitais”. In PELÚCIO, Larisa, PAIT, Heloísa, SABATINE, Thiago. No Emaranhado da Rede - gênero, sexualidade e mídia: desafios metodológicos do presente. São Paulo. Annablume Queer. 2015.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de, “Crises, valores e vivências da masculinidade”. *Novos Estudos. CEBRAP*, São Paulo, n.56, p. 89-110, 2000.
- PAIT, Heloísa & LAET, Juliana. “Formas sociais, subjetividade e ação: buscando modelos para uma nova política democrática no Brasil”. In PELÚCIO, Larisa, PAIT, Heloísa, SABATINE, Thiago. No Emaranhado da Rede - gênero, sexualidade e mídia: desafios metodológicos do presente. São Paulo. Annablume Queer. 2015.
- PELUCIO, Larissa e CERVI, Mariana. Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugualidades contemporâneas e usos de mídias digitais. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, v. 01, p. 25-51, 2013.
- PELUCIO, Larissa. 2012. “Amores perros’ – sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo”. In: Adriana Piscitelli, José Miguel Nieto Olivar, Glaucia Oliveira de Assis (orgs.), Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Pagu/Unicamp. pp. 185-224.

- PERLONGHER, Nestor. “Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead”. Revista Brasileira de Ciências, São Paulo: ANPOCS1993. ano 8, n. 22, p. 137-144.
- PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E-Compós (Brasília) , v. 9, p. 1-21, 2007.
- SILVA, Carolina Parreiras. Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. 2008. 198 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- VENCATO, Anna Paula. Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de cross-dressing no Brasil.. São Paulo: Annablume, 2013, 274 p.
- ZAGO, Luiz F. & SANTOS, Luís H. S. Corpos, gênero e sexualidades gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet. ... um percurso possível de pesquisa na internet. Cronos (Natal. Impresso), v. 12, p. 39-56, 2011.
- ZAGO, Luiz Felipe. Convites e tocaias – Considerações ético-metodológicas sobre pesquisas em sites de relacionamento. PAIT, Heloísa, SABATINE, Thiago. No Emaranhado da Rede - gênero, sexualidade e mídia: desafios metodológicos do presente. São Paulo. Annablume Queer. 2015.

Recebido em 03/06/2016

Aprovado em 30/06/2016

Como citar este artigo:

PELÚCIO, Larissa. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 309-333.